



www.observatoriogeogoiias.com.br

## **O GRUPO DE ORAÇÃO DA ROSA MÍSTICA: AS ESPACIALIDADES DE FÉ CATÓLICA EM ITAGUARU-GO<sup>1</sup>**

Rodrigo Emídio Silva<sup>2</sup>

O presente artigo, de forma sintética e resumida, narra e interpreta a manifestação religiosa do Grupo de Oração da Rosa Mística em Itaguaru-Go (cidade que a 120 km norte de Goiânia). A leitura geográfica da fé leva em consideração as manifestações culturais e simbólicas articuladas em dimensões espaciais. O ritual é apresentado a princípio, no texto abaixo, empiricamente. O uso de acepções metodológicas e categóricas possibilita a construção de uma discussão, acerca, dos símbolos, dos significados e das representações antropológicas.

### **Símbolos e ritos, os espaços em múltiplas dimensões subjetivas.**

Para introduzir os universos oníricos e simbólicos do Grupo de Oração da Rosa Mística é pertinente o diálogo com algumas considerações metodológicas. Agora, no pensar e viver os espaços objetivos que são associados às dimensões subjetivas, deve-se levar em consideração os símbolos. Os símbolos pautam na intimidade de dois universos relacionais, estes podem ter uma condição de existência material, entretanto, os símbolos são repositórios de significados, representações, ou de experiências que se articulam através do tempo e do espaço. Segundo Tuan (1974, p. 26), os símbolos se organizam nas dimensões subjetivas como:

Um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente.(...) Em um mundo tão ricamente simbólico, os objetos e eventos assumem significados que para um

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto da minha monografia de conclusão de curso.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Itapuranga.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

estrangeiro podem parecer arbitrários. Para o nativo, associações e as analogias estão na natureza das coisas e não necessitam de justificação racional (...) Os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura.

As paisagens, para as correntes geográficas humanista e cultural, expressam em suas formas e funções diversos significados, os símbolos se estruturam nesses significados. Toda e qualquer paisagem possui símbolos, sendo vista e representada pelo ser valor simbólico, Cosgrove (1989). Os indivíduos com suas culturas criam ou transformam as paisagens, nos quais manifestam suas ações no espaço. As cidades, igrejas, casas são construídas e representam a manifestação material de um grupo de indivíduos sobre espaço geográfico. Sobre a intensidade do valor simbólico das paisagens Claval (1999, p. 296) afirma:

Os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: eles são em parte funcionais, em parte simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras: modela-os através de tecnologias empregadas para explorar as terras ou construir os equipamentos e as habitações: molda-os através das preferências e os valores que dão às sociedades suas capacidades de estruturar os espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído às diversas facetas da vida social: ajuda enfim a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um.

Na leitura de Cosgrove (1989) as culturas e os grupos humanos possuem seus símbolos particulares. A bandeira e o hino nacional de um país representam a história, a cultura de um determinado grupo de indivíduos. Então os símbolos podem ser inventados, como a história de um determinado povo, na qual passa a possuir figuras simbólicas como heróis, deuses entre outras figuras místicas. As mais variadas culturas possuem símbolos.

Mas o olhar decodifica o que determinada paisagem representa para um determinado grupo de indivíduos. As paisagens simbólicas são a constatação e a interpretação dos significados simbólicos contidos nas paisagens geográficas, Berque (1984). Existem paisagens domésticas, sagradas, profanas, cabe então interpretar os significados dessas paisagens para os indivíduos praticantes. O método geográfico que



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

aborda questões inerentes à paisagem Cosgrove (1989, p. 110) fornece a seguinte concepção;

O texto de uma interpretação geográfica da paisagem é o meio através do qual transmitimos seu significado simbólico, através dos quais *re-presentamos* esses significados. Inevitavelmente, nossa compreensão é informada por nossos próprios valores, crenças e teorias, mas está apoiada na busca de evidência de acordo com reconhecidas regras desinteressadas do mundo acadêmico. No ato de representar uma paisagem, palavras escritas e mapas, que são códigos simbólicos, são as principais ferramentas de nosso ofício.

Todos os objetos presentes no espaço, ou o próprio espaço, possuem significados e conseqüentemente são simbólicos, Cosgrove (1989). Mas os símbolos, também, surgem nas experiências individuais, como que as pessoas vêem, percebem, experimentam os espaços e as suas paisagens. Ou seja, os símbolos decorrem de como as pessoas vêem ou vivem os espaços, a existência do simbólico é dada pelos olhares que são feitos sobre e nos espaços, rituais, até, no cotidiano.

No decorrer de episódios e experiências as pessoas dão significados aos espaços, os sentidos do ver, sentir, ouvir são ações importantes para que os indivíduos concebam o espaço em seus significados. A contribuição filosófica de Silva (2001) é que imagens e cenas passadas se dão num determinado espaço, dito urbano, este no qual é apropriado e vivido pelos que o habitam ou por olhares estrangeiros, em síntese acerca do mundo concreto cria-se um mundo de imagens.

A simbolização parte da crença de certos indivíduos, aí, a importância das culturas na mediação e na elaboração das representações simbólicas. Em Cosgrove (1989), as culturas, de forma geral, moldam arquétipos morais, valores e mitos, ou seja, os indivíduos, como seres culturais, criam um universo de simbolismos, nos quais podem pautar em práticas sagradas, cívicas e cotidianas. Os símbolos só possuem significados, realmente, se os indivíduos crerem na sua mística e no que eles significam.

A concepção de Damatta (1997), sobre ritos ou rituais, é que estes representam, por excelência, o tempo das cerimônias estas que variam das mais solenes às mais simples. Em um estudo seminal, sobre o tempo dos ritos, Eliade (2001) vê que a



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

idéia de tempo, nos rituais, é dada na sucessão de momentos que desprezam o tempo histórico, entretanto, os ritos elegem uma história sagrada, então estes se forjam no tempo cíclico ou do eterno retorno. Na concepção de ritos em Eliade (2001, p. 92) temos que:

O homem religioso conhece duas espécies de Tempo: profano e o sagrado. Uma duração evanescente e uma “seqüência de eternidades” periodicamente recuperáveis durante as festas que constituem o calendário sagrado. O Tempo litúrgico do calendário desenrola-se em um círculo fechado: é o Tempo cósmico do Ano, santificado pelas “obras dos deuses”. E, visto que a obra divina mais grandiosa foi a Criação do Mundo, a comemoração da cosmogonia desempenha um papel importante em muitas religiões. O Ano Novo coincide com o primeiro dia da Criação. O Ano é a dimensão temporal do Cosmos. Diz-se “O Mundo passou” quando se escoou um ano.

Nos espaços sagrados, no universo cristão-católico, os ritos expressam o cosmos da espiritualidade, volta e meia, falam da vida humana numa ordem do sobrenatural, Eliade (2001). Contam-se nesses rituais as histórias sagradas das vidas e das mortes dos seus mitos, predomina-se então um tempo litúrgico, no qual é ressaltado nas representações, nas narrativas, nas figuras dos deuses e deusas, dos santos e santas, claro, dos demônios e diabos. Ser devoto, ou prestar devoção ao universo do sagrado é o que dignifica esses rituais. Para o clero católico ser fiel é estar apto a crer, neste sentido a devoção representa respeitar e praticar os dogmas de uma determinada religião.

Entre as paredes dos espaços domésticos, os ritos perduram nas relações cotidianas. Ato de uma família, como alimentar, dormir, sair de casa ou chegar em casa, se renovam diariamente. Os rituais que se consagram numa casa são práticas cotidianas de uma família, então, o tempo que perdura nestes espaços é fruto de como vive uma família, sendo que nesta afloram os mais instantâneos e casuais ritos cotidianos. De acordo com Damatta (1997, p. 38):

Pode-se até mesmo dizer que as temporalidades e a “especialidades” diversas corresponde a atuação de unidades sociais diferentes a até mesmo opostas. Assim, o tempo ordinário do trabalho é marcado pela família e pelas rotinas da manutenção do corpo: comer, dormir,



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

reproduzir-se, sustentar níveis de satisfação mínimos com a em comunidade geral, com o grupo primário e com o indivíduo em particular.

Os indivíduos que podem ser personagens da fé ou da família convivem com diferentes temporalidades. O tempo pode ser inventado, usado, ou apenas vivido, entretanto viver o tempo caracterizado em ritos é de uma forma simbólica viver os espaços geográficos. Estes dois conceitos, o tempo e o espaço, não devem ser dissociados, são distintos, mas um faz parte do outro.

### **O Grupo de Oração da Rosa Mística: por uma geografia do observar.**

A Oração da Rosa Mística é um ritual cristão e católico, criado no ano 2000, praticado, na maioria das vezes, por mulheres. O Grupo da Rosa Mística (nome dado aos fiéis que frequentam a oração da rosa) reúne-se às segundas-feiras, por volta das 19:00 horas. O espaço eleito, para a ocorrência desse ritual, é a casa, sendo esta vista como habitat da família.

O Grupo da Oração da Rosa Mística é composto de fiéis basicamente do sexo feminino, na média da faixa etária de 35 anos. As mulheres geralmente são casadas, mães e se consideram católicas praticantes. Estas moram em Itaguaru, sendo que exercem diversas funções, domésticas, comerciantes e docentes.

Os praticantes da Oração da Rosa Mística são geralmente pessoas conhecidas. Alguns exalam intimidade entre si, outros não. O conversar ou a oralidade das experiências cotidianas são expressos verbalmente ou em gestos, estas práticas são revividas pelos integrantes da oração da rosa. As prosas são construídas por todos fiéis. Sobre as relações interpessoais na modernidade, Giddens (1991, p.121) propõe novos conceitos para o que vem a ser amizade:

A vasta extensão de sistemas abstratos associada a modernidade transforma a natureza da amizade. A amizade é com frequência um modo de reencaixe, mas ela não está diretamente envolvida nos próprios sistemas abstratos, que supram explicitamente a dependência a laços pessoais. O oposto de “amigo” já não é mais inimigo, nem



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

mesmo “estranho”; ao invés disto é “desconhecido”, “colega” ou “alguém que não conheço”.

O crescimento de grupos de oração, como a Oração da Rosa, é decorrente das influências ideológicas da Renovação Carismática sobre as práticas religiosas católicas que reafirmam, também, a importância da figura da mãe de Jesus Cristo na vida litúrgica dos fiéis. Estes grupos de oração representam a ligação do catolicismo com a idéia da família cristã, e a figura de Maria seria mediadora entre as famílias cristãs como o universo espiritual cristão. Sobre a Renovação Carismática e seus aspectos ideológicos Montes (1998, p. 81) aponta que:

Ao mesmo tempo, a busca de um vigor interior da crença, da experiência de exaltação da fé e o transporte espiritual diante do milagre, como diretriz para a recuperação de uma dimensão privada da experiência religiosa, inteiramente íntima e pessoal, resultaria, no interior da Igreja, numa outra aproximação e contrapelo com a pentecostalismo, representada pelo fortalecimento e progressiva expansão da Renovação Carismática Católica.

No contexto abordado acima, é um ritual ideologicamente ligado simbolicamente à família, e a casa, vista como lar cristão, é o espaço onde esse ritual é praticado e vivido por este grupo. Sobre a diversidade do catolicismo popular Brandão (1989, p. 37) contribui;

Ora, em sua variação de formas e alternativas o catolicismo popular parece ser, dentre todas as religiões mais visíveis no Brasil, aquela que combina o maior número de formas diferentes de celebrações, podendo fazê-las, inclusive, sucederem uma às outras, do que resulta a própria festa católica. Assim, uma festa do Divino Espírito Santo, a folia precatória de antes dos festejos e os folguedos, como os ternos de moçambiques e cavalhadas.

O ritual desse grupo de oração convive com objetos que possuem um efeito simbólico na religião católica, como a imagem de Maria caracterizada como figura “santificada” de Nossa Senhora da Rosa Mística e o terço. Há, também, nesse ritual um



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

artefato em particular que aparentemente não pertence aos símbolos litúrgicos mais populares, da fé católica, sendo este um ramalhete de rosas.

O terço coordena a oração em seu momento de realização, e também as mobilidades desse ritual. O que ocorre neste ritual, dito popular, é que o terço dirige a simetria do caminhar dos praticantes da Oração da Rosa. Em cada segunda-feira, o Grupo de Oração da Rosa se reúne em uma determinada casa. A dinâmica relacional desse grupo é fortalecida por esta (casa), neste ritual. Sobre as trajetórias traçadas no cotidiano Certeu (1994, p.97) afirma:

Traçam “trajetórias indeterminadas”, aparentemente desprovidas de sentido por que não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam, (...), essas trilhas continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos diferentes. Elas circulam, vão e vem, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um que se insinua entre os rochedos e os dedados de uma ordem estabelecida.

A anfitriã começa o ritual com a rosa em mãos, esta reza a primeira Ave Maria do terço. A pessoa que está no sentido anti-horário da anfitriã, recebe a rosa e reza uma Ave-Maria. A reza de cada Ave-Maria é feita por um único fiel. A passagem de um mistério para outro é ilustrada pela reza coletiva do Pai Nosso e por cânticos. O fiel que reza a última Ave-Maria do terço tem sua casa como a escolhida para o próximo encontro.

Depois do ciclo de orações, dadas num determinado momento, as pessoas em ato de confraternização, ao que se apresenta aos olhos da pesquisa, se alimentam e apreciam quitutes. O alimento, caracterizado em bolos e doces, é levado por todos participantes, no final da oração é degustado por todos participantes presentes. Na maioria das vezes, os participantes se alimentam no mesmo cômodo onde ocorreu o ciclo de orações.

A pessoa eleita leva a Nossa Senhora e a Rosa para a sua casa. A imagem e a rosa são postas em lugares de destaque. As fiéis acreditam que a função da imagem da Nossa Senhora é de vigiar e proteger a casa escolhida. E reafirmam que a escolha é de vontade divina, jamais pode-se negar a casa para a “Nossa Senhora”. A “Santinha”,



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

assim chamada pelos praticantes, é levada para casa da pessoa eleita, colocada e guardada em cima da mesa, estante, geladeira, ou dentro do armário. Essa variabilidade em cuidar da imagem da “Santinha” é responsabilidade da pessoa.

Então, na próxima segunda-feira, os praticantes vão até à casa escolhida e, empunhados com seus quitutes, rezam pelas suas famílias e pedem por ações divinas e espirituais nas suas vidas. Assim se dá o ritual da Oração da Rosa Mística, este que é praticado e vivido por um grupo de fiéis católicos.

A variabilidade de lares onde a Oração da Rosa Mística ocorre é uma característica simbólica desse ritual. A idéia, difundida pelas coordenadoras e pelas praticantes, de que todos os lares venham a participar desse ciclo de orações. É então o imprevisto, ou a casualidade, que proporciona que todos os indivíduos vão a um determinado espaço doméstico e oram por suas famílias e, também, pela família que acolhe o grupo naquela segunda-feira. Por alguns instantes, distintos indivíduos fazem uma corrente de orações que têm por objetivos pôr suas vidas e as vidas de suas famílias nas mãos da Virgem Maria e de Jesus Cristo.

### **A casa: paisagens dos imaginários cotidianos**

O uso das acepções conceituais e teóricas da paisagem, e como que estas acepções se estruturam no estudo do objeto. A paisagem, como categoria de estudar o espaço, pode ser a estruturação de elementos físicos, naturais ou humanos presentes no espaço geográfico. A pesquisa elege a paisagem como um conceito íntimo às apreensões subjetivas dos sujeitos com os espaços. Então, de certa forma, é sugestiva a elaboração de um diálogo entre teoria e objeto.

O ritual da Oração da Rosa Mística possibilita que haja acerca destes espaços diversas alternâncias simbólicas. O ato de habitar e a existência da casa foram vistos por Mayol (2003) como a elaboração das relações humanas do grupo humano existente neste espaço, é em principio a família. As dinâmicas relacionais são de cunho pessoal e íntimo, voltadas aos elos de parentesco.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

A casa, representada nas relações cotidianas e familiares, se torna um espaço do pessoal ou do particular. A casa, em Bachelard (2003), é interpretada como universo ou como espaço que é predominado pela imensidão do íntimo. Segundo Certau e Giard (2003, p. 205) habitar um espaço é construir um emaranhado de relações particulares e coletivas, segue, então, assim:

A diversidade dos lugares e das aparências nem se compara à multiplicidade das funções e das práticas que o espaço privado é ao mesmo tempo o cenário próprio para mobiliar e o teatro de operações. Aqui se repetem em número indefinido em suas minuciosas variações as seqüências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano. Aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções de entretenimento mais íntimo. Morar á parte, fora dos lugares coletivos, é dispor de um lugar protegido, onde a pressão do corpo social sobre o corpo individual é descartada.

É importante frisar, a casa é um espaço construído em diversas formas, não existe um tipo ideal de casa ou de espaços domésticos. As concepções abordadas abaixo se aproximam mais do universo doméstico das famílias da cidade de Itaguaru. E principalmente dos fiéis católicos praticantes do Grupo de Oração da Rosa Mística e, por extensão, dos fiéis que participam do ritual da missa.

Para Claval (1999), o ato de habitar é a representação material de uma determinada cultura. Para diversas formas de habitar existem, também, diversas paisagens, então a paisagem da casa é articulada em formas externas e internas. A paisagem externa é a combinação de elementos como cor, telhado, portas, janelas, altura das paredes, muros, etc. A combinação destes elementos forma a paisagem de cada casa.

Mas é importante ressaltar que o domicílio, também, é a materialização do poder econômico, social, cultural de uma determinada família. A arquitetura e a engenharia dos espaços habitacionais variam de acordo com o poder econômico do grupo que neles moram, ou seja, casas suntuosas para habitantes com um capital de consumo elevado, casas modestas para habitantes com um menor capital de consumo.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

A grande imensidão das paisagens domésticas se dá no íntimo destes espaços. Os cômodos domésticos como os quartos, salas, banheiros e cozinhas são concomitantes aos arranjos da vida cotidiana. A família, como um todo, exerce as chamadas práticas de espaços, entretanto, as dinâmicas cotidianas proporcionam a estes espaços práticas distintas e singulares de experiência topológica.

Para Bachelard (2003), a casa é simbolicamente a imensidão do íntimo, ou seja, móveis, fotografias e a organização dos cômodos caracterizam a elaboração dos arranjos domésticos, surge no universo da casa um imenso jogo de imagens. O ato de habitar e as necessidades cotidianas proporcionam a estruturação dos respectivos arranjos domésticos. O “dia-a-dia” cria e recria as diversas paisagens dos espaços da casa.

As paisagens domésticas são percebidas e vividas no íntimo do imaginário de uma família. O lar é a constância de imagens e de percepções da vida ou da morte de um grupo de pessoas, este não é apenas criado, mas é percebido e vivido por diversos sujeitos. A demarcação dos limites da casa *a priori* se estabelece na existência dos cômodos, entretanto, nestes espaços os sujeitos criam os chamados simbolismos habitacionais.

Os espaços domésticos e suas respectivas paisagens são influenciados pelas hierarquias familiares, as quais se correspondem nas relações cotidianas. As relações familiares foram vistas por Damatta (1997) como dramas relacionais, a mulher na casa é simbolizada nas figuras de esposa, mãe ou de filha, já o sexo masculino é personificado nas figuras de marido, pai e de filho. Os diferentes espaços domésticos são usados por diferentes indivíduos. De forma sintética, Damatta (1997, p. 57), contribuindo para uma leitura antropológica da família, assume que:

(...) todos sabemos que a casa demarca um espaço calmo, dominado por um grupo social que, no Brasil, é concebido como “natural”. Realmente, entre nós a família é igual a “sangue”, “carne” e tendências inatas que passam de geração a geração, pois uma pessoa “puxa” e “sai” como a outra, isto é, como o seu pai, mãe ou avós.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Cada espaço tem sua imagem representada numa figura familiar. A cozinha é o lugar onde os alimentos são preparados, misturados, temperados, cozidos ou então conservados. A preparação e os efeitos das transformações, tanto de ordem física ou de degustação, são necessários para que a arte de cozer seja amparada por diversos instrumentos domésticos, Claval (1999). As colheres, garfos, panelas, pratos e facas são menos complexos desde a fabricação, quanto no próprio uso, e são considerados nas cozinhas ocidentais como instrumentos básicos. Os instrumentos como o fogão a gás, geladeira, liquidificador, microondas, entre outros, possuem uma maior complexidade tecnológica, entretanto, são utilizados para facilitar diversas tarefas culinárias. Todas essas ferramentas compõem a paisagem material da cozinha.

Na cozinha brasileira predomina a figura feminina, ou seja, este espaço é íntimo com sexo feminino, historicamente a cozinha é um espaço de trabalho da mulher. Na cozinha a mulher está caracterizada nas figuras de mãe, esposa ou de filha, vive a constância em preparar os alimentos e servir à família. O homem, que se preze é eternizado nas figuras de pai e esposo, é um mero visitante da cozinha. Ser mulher no Brasil, antes de qualquer coisa, é ser servil às diversas figuras do homem e servir à família. Contribuindo para com certa “história da culinária”, Giard (2003, p.221) insiste na idéia de que:

[...] Trabalhos de mulheres, sem horário nem salário (salvo quando se é empregado de alguém), trabalhos que não têm valor e nem somam renda (os homens têm coisas mais sérias a calcular), trabalhos em que o sucesso sempre se prova pela falta de duração (como um suflê que, ao sair do forno, em seu equilíbrio sutil, em seu cume glorioso, já vacila para imediatamente murchar). Sim um lento e interminável trabalho de mulheres. Mulheres tão pacientes que são capazes de repetir indefinidamente os mesmos gestos.

A arte de cozinhar se realiza na formalidade do escrito dos livros de receitas, estes ensinam a preparar os alimentos e também como prepará-los, Giard (2003). Mas a diversidade alimentar da cozinha popular brasileira se dá em saberes e comidas locais e regionais, estes hábitos de preparo alimentar são constituídos e



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

repassados num âmbito mais oral e representam a memória individual e local na arte de cozinhar, pois, a boa cozinheira não pode estar presa a um livro de receitas.

Estes conhecimentos fazem com que a mulher pratique a cozinha, os cheiros, texturas e sabores alimentares, conseqüentes destas práticas cotidianas. Então a paisagem da cozinha é apropriada, transformada, vivida e sentida pela mulher, neste espaço a mulher cria hábitos e condições de trabalho. As práticas no preparo alimentar, como cozinhar o arroz, temperar o feijão ou fritar a carne, representam conhecimentos adquiridos pelo tempo de convivência e prática na cozinha. Sobre a preparação alimentar Claval (1999, p. 270) fraseia:

A preparação dos alimentos implica uma última família de operações: o tempero. Ele tem por finalidade exaltar o sabor de certos produtos ou substituí-los pelos gêneros alimentares cujo gosto é mais agradável. A adjução do sal na maior parte das preparações, ou de açúcar em algumas, e a confecção dos molhos para saladas encontram-se nesta primeira categoria. A utilização de aromatizantes, de ervas frescas ou secas vai muito mais longe: substitui-se o gosto natural pelo dos condimentos que são acrescentados.

Já o quarto, como espaço de descanso, é usado por todos integrantes de uma família. Integra-se a este espaço *a priori*, camas, guarda-roupas, espelhos, roupas e cobertores postos dentro do guarda-roupa, lençóis e colchas que geralmente estão sobre o colchão. Este espaço possui várias distinções simbólicas, nele os indivíduos da família deixam suas “marcas” habitacionais, o quarto dos pais distingue-se dos filhos, ou o aposento do filho distingue-se do quarto da filha. Entretanto os aposentos de uma casa são apropriados e vividos por sujeitos que transformam este simples cômodo em um espaço intimamente vivido. Sobre a subjetividade fenomenológica do quarto Bachelard (2003, p.145-146) afirma que;

Mas em primeiro lugar o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metades paredes metade porta. Será uma ilustração para a dialética do interior e do exterior. A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade. A imobilidade irradia-se. Um quarto imaginário se constrói ao redor do nosso corpo, que acreditamos estar bem escondido quando refugiamos um canto. As



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

sombras logo se tornam paredes, um móvel é uma barreira, uma tapeçaria é um teto. Mas todas essas imagens imaginam demais. E é preciso designar o espaço da imobilidade fazendo dele o espaço do ser. Um poeta escreve este pequeno verso: *Sou espaço onde estou.*

É interessante afirmar que a paisagem do quarto do cônjuge simboliza as práticas de espaços duais (marido e mulher), nas quais influenciam, entre outras coisas, o tamanho da cama e do guarda-roupa. A paisagem material do quarto de um casal é vivida e sentida não só pela sexualidade feminina ou masculina. O cônjuge apropria e vive a paisagem material deste cômodo, pois este espaço representa as diversas intimidades relacionais de um determinado casal.

Na tradicional família brasileira, os filhos tutelados pelos pais devem possuir a condição de solteiros, dentre outras coisas, e estes são hierarquicamente inferiores em relação às figuras do pai e da mãe, Damatta (1997). Sobre os aposentos dos filhos, neste espaço, existem arranjos estéticos, entre outros, camas, guarda-roupas e roupas. Mas geralmente no quarto dos filhos as práticas cotidianas são feitas individualmente, desde o ato de dormir, vestir, etc. Em síntese, este espaço é simbolizado na privacidade dos indivíduos das famílias. Neste cômodo deposita-se um grande emaranhado de percepções por quem o habita.

E quando este espaço é habitado por homens ou por mulheres, representados nas figuras familiares do filho ou da filha, a paisagem, de certa forma, é elaborada nos sonhos e nas angústias dos dramas cotidianos de cada sujeito. Entre outras palavras, o quarto praticado pelos filhos é a elaboração de uma paisagem, ainda mais, do íntimo e da privacidade. Este espaço é íntimo e caracteriza de forma expressiva a sexualidade dos indivíduos que os habitam. Ainda pelo prisma poético de Bachelard (2003, p.145):

Eis o ponto de partida de nossas reflexões: todo o canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, e recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

A sala é um espaço muito importante da vida cotidiana. Nas relações familiares, este cômodo é praticado como o espaço de encontros cotidianos. A mobília deste recinto é composta por mesas, cadeiras, sofás, estantes, ou aparelhos eletrônicos como a televisão. As salas podem ser enfeitadas com quadros, calendários, imagens de Jesus Cristo, ou de Maria, entretanto, a sala de uma casa pode ser esvaziada simbolicamente na concretização apenas do seu aspecto funcional.

Em síntese, a sala é representada como um espaço de diversas práticas, este espaço possui, de certa forma, uma variabilidade nos arranjos da mobília. Ser sala representa, ainda, um espaço doméstico íntimo da família, entretanto, este cômodo é usado por todos os integrantes de uma casa, caracterizando-se numa prática mais coletiva do que individual.

Diversas ações cotidianas se dão na sala, denominada em, de jantar, de estar, de televisão. Na primeira, geralmente, os encontros familiares são mediados pelos atos alimentares. Na segunda, a família media-se em um ciclo de conversas, estas podem ser mediadas por sujeitos, apenas, da família, ou por indivíduos externos aos ciclos relacionais da família. Mas a sala de televisão, talvez a mais popular ou apenas a única que se tem na casa das famílias brasileiras, proporciona que todos os indivíduos da família fiquem num único espaço, na suposta reunião cotidiana não é a família a protagonista das relações, mas sim a televisão. Muitas vezes, a sala de televisão pode ser mediadora de atos alimentares ou, também, de conversas. Sobre a sala como espaço doméstico, Certeau e Giard (2003, p. 206) dizem que:

Aqui podemos convidar amigos, os vizinhos evitar os inimigos, o chefe do trabalho, por tanto tempo quanto permite a frágil barreira simbólica entre o privado e público, entre uma convivialidade eletiva, regada pelos indivíduos, e uma socialidade obrigatória, imposta pelas autoridades. Aqui as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, todo aquele longo trabalho de alegria e de luto que só se cumpre nesse espaço da casa, toda aquela lenta paciência que conduz da vida à morte no correr dos anos.

Sobre os espaços de passagem existentes na casa, a varanda representa bem esta configuração de espacial. Mesmo ainda ligada aos demais cômodos a varanda



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

é vivida nas conexões entre o de “fora” e o “dentro”, Bachelard (2003). Pode-se dizer, este espaço é representado como uma “ponte”, na qual pode ligar atores do mundo externo com os atores do universo domiciliar Damatta (1997). Estar na varanda, não representa estritamente estar dentro da casa, e muito menos estar na rua. A varanda pode ser vista como um espaço alternativo. Por exemplo, os sujeitos não obrigatoriamente se alimentam na varanda, mas esta pode ser utilizada como espaço de alimentação, entre outras funções. Este cômodo visto como a ponte simbólica entre os universos do dentro e do fora, para essa discussão Bachelard (2003, p.216) persiste numa discussão dialética entre interior e o exterior:

O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações para dar uma situação de todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades. Fazemos passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do aí [...].

A organização de todos esses espaços, geralmente, é feita pelas mulheres. Sobre estes aspectos é importante ressaltar, os universos domésticos são guardados e defendidos pela mulher. Quando a mãe-esposa cuida pela integridade da casa que habita, esta personagem automaticamente representa uma “dona de Casa”, ou uma “do Lar”. Mas ser guardiã da casa não é meramente cuidar de um determinado espaço, mas ser guardiã da casa simboliza cuidar e defender a família. As figuras simbólicas do sexo feminino são articuladas por Damatta (1997) como protagonistas dos dramas relacionais dos universos domésticos

Todos os dramas relacionais da casa representam as diversidades simbólicas dos espaços domésticos. Com o ritual da Oração da Rosa ocorrem alternâncias simbólicas e cósmicas no universo relacional da casa. Este espaço doméstico por instantes se torna um ambiente onde o que predomina são as dimensões relacionais do sagrado, entretanto, o universo cotidiano se articula de forma cósmica com o universo sagrado. Existe, então, o diálogo cósmico entre o mundo cotidiano com o universo sagrado. Personagens cotidianos se juntam nos espaços da casa para ritualizar o sagrado.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

No ritual da Oração da Rosa Mística, a casa é usada numa prática sagrada. Existe um ciclo de relações que se dá no universo doméstico, entretanto, não são todos os espaços domésticos que são apropriados nesse ritual. Há uma seleção dos espaços domésticos onde ocorre a Oração da Rosa Mística, geralmente, este é praticado na varanda, mas quando a casa não possui uma, realiza-se na sala. Então o ciclo de oração se cumpre num destes espaços.

Como já foi citada acima, a varanda representa um ambiente de passagem entre o universo relacional da rua com o universo da casa. A sala simboliza um universo íntimo, mas é visto pela família e pelos integrantes do grupo Oração da Rosa como um espaço de práticas coletivas. Estes dois cômodos são intermediados em práticas da essência sagrada, então a sala e a varanda são percebidas e vividas pelos praticantes do grupo de Oração da Rosa.

A paisagem da casa, em dia de ritual, convive com os terços, imagens e ramallete em específico. Os novos símbolos domésticos são fundados na presença destas ações, e destes artefatos. Então, é perceptível que a mobília da casa seja alterada, a maioria das vezes, a presença de um maior número de assentos, a preparação do altar da “Santinha”. Então um espaço cotidiano torna-se um espaço de devoções.

Os espaços que são captados, sentidos e percebidos pela sensibilidade sonora, a audição é o sentido responsável por estas captações. A audição humana, de certa forma, é dependente da visão, ou seja, a audição está imbuída no campo visual. A deficiência visual, por parte dos homens, proporciona que os sentidos auditivos sejam mais aguçados. Em Tuan (1974) os sons, para os indivíduos, dão a entender as transformações do tempo e do espaço, no exercer de relações entre indivíduos, ou entre espaços e indivíduos, pois bem, as pessoas que possuem deficiências no campo auditivo convivem com a solidão ou com um tempo estático.

A sensibilidade auditiva capta a sonoridade por distintas percepções. Os espaços urbanos reproduzem uma sonoridade aguda, confusa, mesclada de sons e tons diversos, na qual muitas vezes agride o sentido auditivo dos indivíduos. Em um outro caractere, o som pode representar a calma e serenidade, por exemplo, com o cair da chuva. A não captação de ruídos, ou a falta de sons, dão a entender que determinado



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

espaço está em silêncio, no qual pode representar paz, calma, entretanto, quando o silêncio perdura por algum tempo traz ansiedade e as retrações da surdez. Para Alves (1992) o silêncio é o espaço do nascimento das palavras e, do mesmo modo, ilustra o imaginário das palavras.

A sonoridade doméstica se abre para novos sons, os cânticos, a leitura das passagens bíblicas, a reza de Pai Nossos e Ave Marias, esse jogo de falas e cantos ocorrem entremeio a realização do ritual. E por alguns instantes os sons domésticos repousam em silêncio, nasce na constância das preces em tons amenos, na reza coletiva ou individual, no canto falado e na fala cantada e são esses sons que fazem parte do percurso simbólico desse ritual. Os novos sons do universo doméstico se atrelam às distintas práticas do mesmo. E são, muitas vezes, pessoas estrangeiras desse universo doméstico que se juntam com os habitantes e produzem esses barulhos. São as vozes femininas que predominam na Oração da Rosa Mística.

A sensibilidade do tato é usada, em particular, nesse ritual. As mulheres executam e coordenam a Oração da Rosa Mística com o terço em mãos, o tato decodifica as passagens, as orações e cânticos do terço. Os fiéis tateiam todo o terço, essas experiências estabelecem a idéia de movimento do ritual, como o começo, quando um mistério termina quando outro começa, hinos que são cantados e preces que são faladas entre dois mistérios de um terço. Tatear o terço é experimentar e decodificar os símbolos sagrados e místicos da religião católica, mas é, também, a segurança, por parte dos fiéis, de fazer uma oração adequada aos preceitos cristãos.

Contudo esse ritual liga-se à família, conseqüentemente, às simbologias subjetivas da casa. Pode-se dizer que a Oração da Rosa volta-se no celebrar da família e da casa, pois, a casa é o espaço sagrado da família. Nas crenças religiosas dos participantes, a “Santinha” escolhe a casa que precisa de oração. Nestas ligações simbólicas do universo doméstico com o sagrado, este ritual volta-se às vivências cotidianas de uma determinada família.

Quando o ritual se cumpre, os participantes vão ao encontro dos alimentos, estes postos na mesa. A ação de alimentar, neste ritual, refere-se à confraternização que as pessoas fazem umas com os outras, ou seja, confraternizar o alimento demonstra uma



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

amizade fraterna mediada nos atos alimentares. Então, os participantes preparam pratos alimentares e os levam para os encontros da oração da rosa. Cabe dizer que a preparação do alimentar é responsabilizada por todos integrantes deste ritual. Os quitutes, como bolos fritos, de queijo, de farinha de trigo, pudins, e, também, sucos e refrigerantes, compõem o ato de alimentar desse grupo.

Na próxima segunda-feira, a oração se dará em outra casa, no cotidiano de uma outra família. O praticante que teve a sua casa escolhida leva a “Santinha” e buquê de flores para sua casa. Outra vez, as pessoas, com os quitutes em mãos, saem de suas casas e vão se encontrar em um outro espaço doméstico, ocorre nesse ritual uma constante mobilidade espacial.

A mulher e suas diversas figuras antropológicas são a “guardiã” da casa. Para Damatta (1997) as ações como cuidar, organizar, preparar e limpar os espaços domésticos se dão sob responsabilidade da mulher. A tradicional família brasileira tornou, e torna, a mulher como a figura mística da casa, ainda em Damatta (1997). Cuidar e defender a família são árduas tarefas do mito mulher.

### **Considerações finais.**

Em síntese as dimensões relacionais do cotidiano familiar sofrem alternâncias cósmicas com o rito da oração da rosa. A casa é vivida nas dimensões do íntimo, entretanto, para os participantes deste grupo de oração os espaços domésticos simbolizam, também, um lugar de encontros. Com o ritual da Oração da Rosa Mística, a casa sofre diversas alternâncias simbólicas. As rotinas cotidianas contornam os ritos de um lar, os espaços domésticos são vividos na intimidade de uma família. Os sonhos, as angústias, as vontades, os medos de uma família são partilhados na imensidão do íntimo, ou seja, na casa. Quando uma casa é escolhida para ser espaço desse ritual, novos protagonistas entram em cena, outros valores simbólicos, a paisagem da doméstica sofre rearranjos. Em sincronia com os objetos móveis domésticos, as mulheres decoram a sala ou a varanda com um improvisado altar e organiza os assentos de forma circular.



www.observatoriogeogoiias.com.br

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *O poeta, o guerreiro, o profeta*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção tópicos).
- BRANDÃO, C. R. *A cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tomo 1. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CERTEAU, M de; GIARD, L; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Tomo 2. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.
- \_\_\_\_\_. *A Geografia Cultural*. Florianópolis:UFSC, 1999.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. p. 92-123.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção tópicos).
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- MONTES, M. L. História da vida privada no Brasil: contraste na intimidade contemporânea. In: SCHWARZ, L. M. *História da vida privada no Brasil*. Vol 4. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, A. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- TUAN, Y.-F. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 143-164.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)